Ulysses insiste: o cargo é de Sarney

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Vai prevalecendo no Congresso, nos partidos e no País a tese de que José Sarney deve ficar na Presidência da República pelo tempo que for necessário, exercendo-a plenamente. Por dois ou três meses, se tudo correr como vem correndo de quarta-feira para cá, ou seja, se a recuperação de Tancredo Neves continuar sem percalços, mas também por anos, se a hipótese indesejada por todos acontecer, do impedimento do presidente.

É o que dispõe a Constituição, apesar de espúria em suas origens e ultrapassada em seu texto. Além do argumento jurídico para essa solução natural, porém, impõe-se um raciocínio de ordem política: qualquer alternativa será perigosa demais, capaz de balançar as estruturas recém-criadas da Nova República. A conclusão flui de conversas entre os dirigentes partidários, como a ocorrida na noite de terça-feira na residência oficial do deputado Ulysses Guimarães, reunindo as lideranças e os ministros do PMDB. E decorre, também, de outros fatores, entre eles o militar. Tancredo Neves desdobrou-se para a montagem do acordo que colocou as Forças Armadas ao lado dos novos tempos, e elas precisaram esforçar-se muito para suportar a mudança do velho para o atual regime. Não aceitariam, sem grandes traumas, que de repente os fatos alterassem a programação. Isso, o general Leônidas Pires Gonçalves, ministro do Exército, parece que fez chegar aos meios políticos. A antecipação das eleições presidenciais diretas para o ano que vem ou mesmo para este ano poderia conduzir o País ao caos, no caso da impossibilidade de Tancredo Neves assumir o poder. Porque nessa eleição fatalmente deixariam de existir as soluções de compromisso duramente conquistadas meses atrás, fazendo prevalecer paixões e radicalismos, provavelmente conduzindo à vitória quem mais se valesse deles. Imagine-se o que seria uma disputa acirrada entre pelo menos três possíveis e naturais candidatos, Ulysses Guimarães, pelo PMDB, Aureliano Chaves, pelo PFL, e Leonel Brizola, pelo PDT.

Todo esse preâmbulo se faz por conta de alguns sinais ou sintomas verificados nos últimos dias. Na mesma referida reunião na casa de Ulysses Guimarães, apesar de a maioria concordar em que Sarney deve ser a solução emergencial ou duradoura, alguns participantes levantaram a possibilidade da antecipação das eleições. Ou da redução do mandato presidencial, o que dá no mesmo. Chegou a ser dito que o PMDB carregou o piano por longo tempo e não poderia, agora que ele está colocado no palco, deixá-lo para um virtuose da Frente Liberal tocar suas peças preferidas. Alguém levantou a idéia de ser utilizada a emenda Jorge Carone, que estabelece eleições presidenciais diretas imediatas. A argumentação era de que a Nação sairia frustrada caso o vice-presidente precisasse permanecer até o final do mandato, já que ela colocou Tancredo e não Sarney no poder. Alguns pretenderam soltar a mosca azul no nariz de Ulysses Guimarães, candidato mais do que certo do partido e hoje, sem dúvida, uma das maiores figuras da República, pelo seu desprendimento e sentido ético. Se ele se candidatasse, teria chances excepcionais, em 1986 ou já, como representante da Nova República. O parlamentar paulista interrompeu a conversa e só não foi mais rude por ser o anfitrião. Mas chegou a dar bons gritos e a fazer exaltadas proclamações. Seus argumentos são mais políticos do que jurídicos, em favor da permanência de Sarney. A Constituição e a legalidade devem ser cultuadas, é claro, mas, se o Congresso aprovasse emenda interrompendo os mandatos atuais, a interrupção seria texto constitucional e expressaria a legalidade. Assim, acima disso, para ele, existe o que chama de fato político conjuntural. O País sofreria com mais uma convulsão, e seus resultados seriam imprevisíveis.

Dos dez ministros do PMDB, presentes, todos se pronunciaram. De Fernando Lyra, da Justiça, a Roberto Gusmão, da Indústria e do Comércio, e a Almir Pazzianotto, do Trabalho, concordaram: o risco de as coisas ficarem pior, ao invés de melhorar, surgiria muito grande.

Houve quem, nessa citada reunião, lembrasse a importância de o PMDB dispor de diversos envelopes fechados, um para cada situação, com soluções adrede acertadas e preparadas. Algo à maneira do comportamento dos Estados-Maiores militares. Pois a reação veio pronta: "Somos políticos, não militares. Estamos mais atentos à conjuntura do que à hierarquia".

Os acontecimentos recentes, a partir da primeira operação de Tancredo Neves, podem não ter agradado ao PMDB, como um todo, em termos da realização de suas metas. Mas o remédio será buscar José Sarney, como o fez quarta-feira e ontem o próprio Ulysses, e começar a assessorá-lo na solução de questões políticas ou funcionais. Obter dele compromissos específicos, menos com relação a nomeações do que diante de acordos de ação, para preservar o programa comum da Aliança Democrática e livrá-lo da tentação de pender para a Frente Liberal. Aliás, a conclusão foi unânime de que, até o momento, o vice-presidente se conduz com extrema competência e desprendimento. A partir de ontem, começou a assumir os encargos de governo, e não deu margem à menor crítica.

Não houve um golpe de mão, como parte da velha República começa a insinuar, para a posse de José Sarney no lugar de Tancredo Neves, dia 15. É verdade que a Constituição, no caso, permitia dupla interpretação. O presidente da Câmara, singularmente Ulysses Guimarães, poderia ter assumido, ou feito valer seus direitos, com base na tese de que o poder ficaria vago, com o término do mandato de João Figueiredo e de Aureliano Chaves, e de que Sarney só poderia assumir se Tancredo o fizesse primeiro, pois era o seu substituto ou o seu sucessor. Houve, na realidade, uma decisão política, da qual o maior artífice foi o próprio presidente da Câmara.

Assim, não haveria por que alterar a rota por onde melhor parecem transitar a Nova República e a democracia. Cometeriam erro crasso os elementos dispostos a contestar uma futura permanência definitiva de Sarney, no caso da impossibilidade de Tancredo assumir. Porque, pensando em queimar etapas políticas, eles, na realidade, estariam fornecendo munição de alto teor explosivo aos que ainda sonham com a volta ao passado.

C.C.